



ARTIGO LIVRE

## **EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES NOS ACERVOS HISTÓRICOS DE FUNDÃO**

*Gabriela de Oliveira Gobbi*

*Graduada em Biblioteconomia (2014) Especialista em Educação (2017) ambas pela Ufes.*

*Marcello França Furtado*

*Graduado em Arquivologia (2014) e Artes Visuais (2018) e Mestre em História (2017) pela Ufes.*

*Jessica Dalcolmo de Sá*

*Graduada em Museologia pela Ufop (2014) Mestre em Artes (2020) pela Ufes.*

## Resumo

O presente artigo relata um conjunto de experiências vivenciadas de maneira interdisciplinar no trabalho e desenvolvimento do projeto de organização dos acervos históricos da Casa da Cultura “Doutor Mauro Mattos Pereira”, no município de Fundão. Foram realizadas as atividades de arranjo e descrição de acervos, higienização, digitalização e acondicionamento do material, tanto do arquivístico quanto do museológico. Em um primeiro momento, abordamos as questões históricas sobre os acervos, as características de suas formações e suas custódias. Em seguida, realizamos reflexões teóricas sobre a Casa da Cultura enquanto museu e explanamos as motivações para adotarmos as técnicas descritas. Por fim, relatamos o processo de organização do acervo arquivístico, constituído em totalidade por fotografias, juntamente com o trabalho patrimonial que foi desenvolvido com a comunidade, em intercâmbio com diversos conhecimentos acadêmicos.

**Palavras-Chave:** Acervo; Arquivo; Museu. História; Fotografia.

## Abstract

This article reports a set of experiences lived in an interdisciplinary way in the workplace and the development of the organization project of the historical collections from the Cultural Center ‘Doutor Mauro Mattos Pereira’ in the municipality of Fundão. Arrangement and description of collections, hygiene, digitalization and material conditioning activities, both archival and museological, were carried out. At first, it was addressed the historical questions about the collections, the characteristics of their formations and custody. Next, it was performed a theoretical reflections of the Cultural Center as a museum, and the motivations for adopting the techniques described. Finally, the process of organizing the archival collection was reported, which consisted entirely of photographs. Together with the community it was developed a patrimonial work with reciprocity on several academic knowledge.

**Keywords:** Collection. Archive. Museum. Story. Photography.

## 1 - Introdução

O projeto intitulado “Acervo da Casa da Cultura ‘Doutor Mauro Mattos Pereira’ do município de Fundão”<sup>1</sup> teve como finalidade salvaguardar o patrimônio público material do município de Fundão, tanto com a conservação dos acervos, quanto com a produção de um Catálogo, instrumento de pesquisa, para proporcionar maior visibilidade do material histórico da cidade. A iniciativa se pauta na reflexão de que

cabe ao poder público, através de suas instituições, fornecer o acesso à informação através de Arquivos, Bibliotecas, Museus e Centro de Documentação, aos quais cabe não só organizar as informações existentes, mas também, por meio de projetos, construir e difundir fontes. Sob este entendimento, foi submetido o projeto como forma de captação de recursos.

O projeto foi formado por uma equipe multidisciplinar das áreas de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, o que possibilitou uma cooperação profissional a partir das semelhanças das atividades, fundamentadas por disciplinas científicas, através, principalmente, de suas ações semelhantes como conservação de acervos e ações educativas. Possibili-

tamos o encontro institucional, trazendo discussões sobre a dimensão informacional para além função de salvaguarda do patrimônio.

O trabalho foi desenvolvido ao longo de dez meses com três acervos, entre os quais dois são públicos, pertencentes à Casa da Cultura – fotográfico e museológico –, e um é acervo fotográfico particular, pertencente à família Carreta. Os acervos fotográficos foram descritos, higienizados, acondicionados e ainda reproduzidos com o intuito de garantir sua integridade e transmissão para as futuras gerações. Já para o acervo museológico adotamos um modelo de inventário quantitativo, que visou ao arrolamento e registro da coleção.

Doamos uma cópia do acervo particular de Sebastião Carreta e Cercina Mattos Carreta em formato digital para a Casa da Cultura, o qual fora agregado ao projeto e, por isso, passou a ser institucionalizado, em vista do objetivo principal de enriquecer e de motivar outras famílias, detentoras de fotografias, a ampliar o acervo, seja por meio da doação de imagens físicas ou digitais e/ou pela sua identificação e descrição. Esperamos que o trabalho desenvolvido fosse, de certa forma, uma semente para a construção do patrimônio fotográfico de Fundão.

O presente artigo também foi baseado no Catálogo do Acervo da Casa da Cultura e está organizado da seguinte forma: caracterização dos acervos e de seus detentores; apontamentos relevantes sobre museus e descrição da classificação e registro dos objetos; e, por fim, reflexões sobre fotografia e sobre o processo de organização.

## 2 - Acervos

### 2.1 - Casa da Cultura

A Casa da Cultura, localizada às margens da BR 101, tombada pelo Conselho Estadual de Cultura do Espírito Santo como patrimônio cultural do estado (Proteção legal: Resolução nº 3/1985 do Conselho Estadual de Cultura), foi construída em 1882 e pertencia

a Cândido Vieira. Segundo a obra “Arquitetura”, publicada pela Secretaria de Cultura do Estado do Espírito Santo (2009), o sobrado foi uma edificação muito importante no ciclo do café. Já no início do século XX, foi leiloada e arrematada pela família Agostini. O primeiro andar era usado para comércio, sede da exportadora de café Ângelo Agostini & Cia, e como escritório dos negócios da família, o segundo, como residência. Na década de 1920, morou no sobrado o médico César Agostini, figura importante na época, pelo trabalho assistencial que realizava.

Entendendo o valor histórico-cultural, a prefeitura comprou e restaurou o imóvel entre 1985 e 1986. Atualmente o primeiro andar está disponível para eventos culturais e, no segundo, funciona a Secretaria de Esportes, Turismo e Cultura. A sala de estar da antiga residência funciona como museu, contando com um acervo museológico de 115 peças, formado por objetos históricos como piano, mobiliários, telefone, bibelôs, etc., sendo alguns itens pertencentes à família Agostini e outros doados pela comunidade.

Seu acervo arquivístico é integralmente formado por 830 fotografias e é, hoje, o mais importante acervo público de Fundão. Trata-se de uma fonte pesquisada e requisitada, referência para a comunidade, e apresenta como conteúdo uma diversidade de temas como paisagens urbanas e naturais, reformas, construções, eventos políticos, festas culturais, desfiles cívicos, etc. Este conjunto surge de uma acumulação natural das famílias e secretarias municipais ali instaladas com o decorrer do tempo. Apesar de muitas vezes compreendermos o documento arquivístico público como um bem a ser gerido de acordo com as normativas e os diversos princípios de eficiência que requer a administração pública, esse material arquivístico se acumula até mesmo em forma de abandono. Sua forma orgânica e natural se dá através do próprio fenômeno do esquecimento, tratado apenas como um baú de memórias por parte dos servidores em realizar sua custódia.

<sup>1</sup> Projeto custodiado pela Secretaria de Estado da Cultura do Estado do Espírito Santo, submetido ao Edital 014 de Inventário, Reprodução e Conservação de Acervo dos recursos Funcultura. Teve como parceiros a Prefeitura Municipal de Fundão, representada pela Biblioteca Professor Mário José Jahel e pela Secretaria de Esporte, Turismo e Cultura, e a família Carreta.

## 2.2 - Sebastião e Cercina Carreta

Sebastião Carreta, nascido no ano de 1934, no município de Fundão, filho de Aleixo Carreta e Elvira Tranhago, casou-se com Cercina Mattos, nascida em 1936, em Cachoeiro de Itapemirim. O matrimônio foi no ano de 1959, e tiveram três filhos, Margareth Carreta Pimentel, Mônica Mattos Carreta e Thadeu Mattos Carreta.

Sebastião Carreta deu início a sua trajetória político-partidária pelo partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB), e, de 1970 a 1972, exerceu mandato de vereador. No período de 1972 a 1977, pelo mesmo partido, exerceu seu primeiro mandato como prefeito. Trabalhou na Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo como assessor parlamentar do deputado Dilton Lyrio no período 1978 a 1982. No período de 1983 a 1989, pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), exerceu novamente o mandato de prefeito. De janeiro de 1989 a abril de 1990, foi diretor-presidente do Diário Oficial do Estado, no governo de Max Mauro. De maio de 1990 a abril de 1992, foi Secretário de Estado do Interior, no governo Max Mauro e Albuíno Cunha de Azeredo. No ano de 1993, pelo Partido Democrático Trabalhista, assumiu seu último mandato como prefeito de Fundão, e permaneceu no cargo até 1996. Durante sua trajetória política, ocupou diversos cargos, como o de Presidente do Conselho de Administração do Diário Oficial, da Cesan e da Companhia Habitacional do Estado do Espírito Santo (COHAB-ES).

Sua esposa, Cercina, chegou ao município de Fundão em 1957, após concluir o magistério na cidade de Muqui. Foi uma das criadoras da primeira turma do curso de admissão, para ingresso no curso ginasial. Em março de 1958, de acordo com a Lei Orgânica de Ensino Secundário, iniciou-se o curso Ginásio de Fundão, no qual também lecionava como professora do curso primário. Em 1962, fez parte da formação de muitos professores na Escola Normal, que era anexa à Escola. Por haver níveis diferentes, denominaram Ginásio “Eloy Miranda” e Escola Normal “Nair Miran-

da”. Também foi Diretora do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), o qual foi implantado com intuito de dar a oportunidade de um estudo para as pessoas que não puderam concluir seus estudos no ensino regular. Cercina sempre foi preocupada com o direito à educação, e tinha um olhar diferenciado para os alunos com necessidades educacionais especiais. Seu trabalho foi fundamental na criação da Associação Pestalozzi de Fundão, em 1992. De acordo com os registros fotográficos, ela participou de diversas formações. Também foi designada Coordenadora Regional da Pestalozzi no Estado do Espírito Santo, levando também a associação para a comunidade do município de Santa Teresa. Em maio de 2018, a Prefeitura de Fundão inaugurou através da Secretaria Municipal de Educação o “Núcleo de atendimento Educacional especializado Professora Cercina Mattos Carreta”, como forma de reconhecimento e homenagem ao seu trabalho como educadora. Ao longo de sua vida, exerceu os cargos de Secretária Municipal de Educação e de Secretária Municipal de Ação Social, no município de Fundão.

O acervo da família Carreta é composto por 1.092 fotografias. Originou-se da atuação política de Cercina e Sebastião, e retrata diversas atividades políticas e culturais adotadas durante seus três mandatos. Há fotografias de inaugurações, construções, visitas de prefeitos e de outras autoridades, ações sociais, eventos educacionais e ainda uma série de paisagens. Sebastião Carreta permaneceu como chefe do poder executivo por vários anos. Seu acervo é de grande valor para o patrimônio cultural de Fundão e até mesmo para o estado do Espírito Santo, uma vez que há diversos eventos de cunho estadual e nacional com a presença de políticos, como Gerson Camata, Albuíno Azeredo, Max Mauro, Rita Camata, entre outros.

A inclusão deste acervo ao projeto veio agregar ainda mais valor ao patrimônio fotográfico da cidade. A inclusão desse material de forma artificial nas coleções da Casa da Cultura cria os dispositivos para que este seja o primeiro acervo familiar de muitos outros que venham a ser doados a fim de enriquecer o patri-

mônio da comunidade – um ponto de partida para a consolidação de uma política de memória por parte do município. A equipe do projeto realizou diversas visitas à casa da família para a realização do inventário, do acondicionamento e da digitalização. Apesar do formato físico já tratado e organizado retornar à custódia da família, a intervenção arquivística buscou ser uma contrapartida para a consolidação da doação desse acervo digitalizado à Casa da Cultura.

## 3 - Pensando o Museu

Quando dissertamos sobre o ambiente museal, é comum relacioná-lo com questões referentes à memória e à salvaguarda, visto que essa associação é passada desde a Grécia antiga, a partir da Casa das Nove Musas, até os dias de hoje. Entretanto, esses lugares de memória passaram por diversas mudanças em sua gênese no decorrer dos séculos. Em um desdobramento contemporâneo, o museu se estabelece como um espaço onde são agrupados objetos com valor histórico, artístico e cultural que devem ser salvaguardados com um objetivo de preservar, comunicar e perpetuar a memória.

Quando um objeto é inserido em uma coleção museológica, ele é destituído de sua função original para adquirir a função de documento. Dessa forma, as locomotivas e os vagões de um museu ferroviário, por exemplo, não transportam nenhum passageiro, as fechaduras e chaves em um museu histórico não abrem e nem fecham portas, esses objetos fazem a ponte entre o visível e invisível, sendo que sua função original e seu uso utilitário perdem o sentido, tornando-se objetos museológicos musealizados.

Para Guarnieri (2010), o campo de estudo da museologia se organiza através do conceito de fato museal, que seria “a relação profunda entre o Homem, sujeito que conhece, e o objeto, parte da realidade à qual o homem também pertence e sobre a qual tem o poder de agir, relação essa que se processa num cenário institucionalizado, o museu”

(GUARNIERI, 2010, p. 147). Dessa forma, ao selecionar objetos e retirá-los do contexto original, o homem age alterando sua função utilitária, inserindo-os em uma realidade construída de acordo com suas necessidades.

A definição do campo de estudo da museologia proposto por Guarnieri (2010) dialoga com o conceito de fato social da sociologia, colocando o museu como uma construção individual ou coletiva e como um campo específico de estudo da museologia. Nesse sentido, a ênfase recai na valorização da interface entre espaço e objetos, em que há uma atribuição de significados por meio da relação humana que acontece em um determinado espaço. Essa busca e a atribuição de significados reforçam a predisposição de estabelecer laços com o invisível, despertando nesses semióforos<sup>2</sup> a dimensão da musealidade em consonância com o dissertado por Pomian (1984).

A partir do apontamento de Guarnieri (2010), compreendemos o museu como um resultado de relações produzidas por atos sociais e como espaço de operações museológicas, colocando-se como processo e como resultado de práticas sociais. Ressaltamos que Guarnieri foi uma das primeiras a discutir os museus e a museologia em um campo mais amplo, transformando o ofício que norteia a atuação do museólogo em um “trabalhador social”, buscando levantar conceitos, e não definições, deixando em aberto para futuras releituras e modificações.

Em um desdobramento contemporâneo, notamos que o ambiente institucionalizado defendido por Guarnieri (2010), o museu, se estabelece de diferentes formas, seja como fundações, instituições ou centros culturais que desempenham a musealização, guarda e a preservação de bens culturais, atuando na relação homem e objeto, resultado de práticas e relações sociais em espaços que permitem o ato cultural entre o “homem e a realidade”.

<sup>2</sup> De acordo com o autor, semióforos são: “[...] objetos que não têm utilidade, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível, são dotados de um significado; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura” (POMIAN, 1984, p. 71).

Segundo Scheiner (2001), no final dos anos 1980 a teoria museológica já era consolidada no universo acadêmico, colocando a disciplina em fronteiras com a filosofia, a história, as artes e a ciência da informação. Dessa forma, a museologia é entendida como uma disciplina transdisciplinar dedicada ao estudo da relação entre o Humano e o Real, tendo como objeto o fenômeno Museu. Para a autora, o museu deve ser visto a partir de sua natureza fenomênica, de sua pluralidade de representação e das novas percepções de espaço, tempo, memória e valores culturais, como podemos visualizar a seguir:

livre, plural, passionário e contraditório, infinito em sua potência [sic], pode aparecer sob distintas formas, representar todos os modelos culturais e todos os sistemas de pensamento – de acordo com os valores e representações das diferentes sociedades, no tempo e no espaço (SCHEINER, 2001, p. 217).

A percepção do campo da museologia defendida por Scheiner (2001) coloca o fundamento ontológico do campo de estudo na percepção complexa do “Real”, atestando que para o entendimento entre museu e mundo se faz necessário compreender o que constitui esse “Real”. Sendo assim, cada “Real” corresponderá a uma percepção diferente de modelo de museu, e, para seu entendimento, faz-se necessária a investigação pela dimensão fenomênica, estabelecendo relações com o Real, colocando a disciplina museológica em diálogo direto com a filosofia (CARVALHO, 2011, p. 155).

A percepção de museu pela filosofia proposta pela autora nos permite refletir sobre as relações entre o museu e o real em uma dimensão ontológica e em sua face fenomênica: o museu como processo, não como produto. Neste viés de compreender a instituição museal como um conjunto de processo, tentamos reflexionar sobre as diversas dimensões processuais da gestão museológica, no que se refere aos procedimentos estratégicos que viabilizam a gestão do patrimônio musealizado, como: processo

de conservação, processo legal, processo documental, processo de pesquisa, processo criativo, processo educativo (SCHEINER, 2013).

A partir dos apontamentos realizados sobre a museologia, adotamos um modelo de inventário que visa ao arrolamento e registro da coleção museológica salvaguardada pela Casa da Cultura de Fundão, que conta com uma tipologia diversa, como quadros, fotografias, bibelôs, indumentária, mobiliário, instrumentos, objeto de cultura, entre outras.

Informações intrínsecas e extrínsecas devem ser pautadas para melhor manutenção desse patrimônio já musealizado. As operações de salvaguarda começam pelo conhecimento dos bens, tarefa esta que é executada primordialmente pela devida documentação museológica. A documentação desses objetos se configura como um processo contínuo que visa a investigar, registrar (inventariar) e documentar informações referentes à história do objeto.

Para a elaboração e realização do projeto de inventário, optamos por uma forma sistêmica de fácil manutenção que permita a possibilidade de inscrição de novos bens, conforme a necessidade da instituição. Cabe ressaltar que a Casa da Cultura não possuía nenhuma ficha de registro ou livro de tomo.

Sendo assim, propomos uma metodologia de inventário que prevê o levantamento quantitativo desse acervo e uma análise inicial em relação ao seu estado de conservação, que, sem dúvidas, pode ramificar em um processo de catalogação completa das obras e a elaboração de uma política de acervo.

Por se tratar de um acervo histórico, o inventário proposto para a Casa da Cultura de Fundão é um somatório de conceitos utilizados por Ferrez (1987) e Bianchini (1987) no Thesaurus para Acervos Museológicos e das diretrizes elencadas na Declaração de Princípios de Documentação em Museus e Diretrizes Internacionais de Informação sobre Objetos de museus: Categorias de informação do Comitê Internacional de Documentação (CIDOC – ICOM).

Observando as necessidades da instituição, formulamos uma tabela de inventário que conta com

oito campos, preenchida no programa *Microsoft Excel*. A partir disso, nosso plano de ação foi dividido em quatro etapas:

#### a) Identificação e registro dos objetos

O procedimento prevê o registro e a identificação de cada objeto de forma única. Nessa etapa, todos os objetos foram numerados, objetivando seu registro, identificação e controle.

A numeração utilizada foi a sequencial numérica (0001, 0002, 0003, ...). No caso de objetos formados por mais de uma peça, o mesmo número de inventário foi atribuído em todas as partes que compõem o bem museológico.

#### b) Classificação dos objetos e categorias de acervo

Através de um estudo das tipologias de acervo existentes na coleção da Casa da Cultura de Fundão, foi atribuído um esquema classificatório que prevê a atribuição de termos ou títulos, a classificação de classes de acervos e a divisão em subclasses a partir de propriedades físicas e utilitárias.

Para a concessão dos termos e a classificação dos objetos foi observada a função original e suas propriedades intrínsecas (Quadro 1). Sendo assim, identificadas sete categorias de acervo, entre elas: Artes plásticas; Comunicação; Documento e Objetos Cerimoniais; Maquinário, Utensílios de Trabalho e Instrumentos; Interiores; Objetos Pessoais e Outros. Em relação aos critérios para a atribuição, podemos visualizar na tabela a seguir:

#### c) Análise do estado de conservação

Com o intuito de levantar um diagnóstico inicial da coleção através do arrolamento, o inventário prevê a avaliação dos objetos que auxiliam em uma futura elaboração de uma política de acervo. Sendo assim, observam-se os seguintes critérios:<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Conforme questões elencadas em: *CADERNO de diretrizes museológicas* 1. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura / Superintendência de Mu-

Ótimo: o objeto encontra-se em excelentes condições de conservação, não necessitando de intervenção ou restauração.

Bom: o objeto mantém as características físicas e estéticas originais, não contendo descaracterizações, mesmo que tenha sido submetido a possíveis intervenções.

Regular: o objeto apresenta sujidades, pequenas perdas ou passa por um processo inicial de deterioração.

Péssimo: o objeto apresenta-se em processos graves de degradação, tais como grandes e irreversíveis perdas de sua matéria original, descaracterizações, partes apodrecidas, alterações provocadas por intervenções anteriores inadequadas, intenso ataque de insetos, proliferação acentuada de microrganismos, manchas e escorrimentos de água, distorções fortes, desprendimento de policromia e outros.

#### d) Preenchimento da tabela de inventário

Após a realização das três etapas listadas acima, foi iniciado o preenchimento da tabela de inventário que conta com oito campos, no programa *Microsoft Excel*. As peças foram avaliadas individualmente, visando a extrair informações sobre o objeto, garantindo a segurança do mesmo. A tabela conta com os seguintes campos:

Termo/título: Termo ou título atribuído ao objeto. Sugestões na Tabela de Classificação dos Objetos e Categorias de Acervo.

Número do inventário: Numeração de cada item da coleção. Ex.: 0001, 0002, ...

Subclasse: Conforme critérios elencados na Tabela de Classificação dos Objetos e Categorias de Acervo.

Estado de conservação: Avaliação do estado de conservação conforme critérios elencados na etapa 3.

Outras observações: Eventuais dados ou informações intrínsecas presentes no objeto.

Preenchido por: Identificação de quem fez o preenchimento dos dados.

TABELA DE CLASSIFICAÇÃO DOS OBJETOS E CATEGORIAS DE ACERVO<sup>1</sup>

CLASSE	SUBCLASSE	SUGESTÃO DE TERMO/TÍTULO
ARTES PLÁSTICAS Produção relacionada às artes plásticas, como forma de expressão.	Pintura	Quadro, pintura.
	Mosaico	Imagens sobre papel, produzidas através das técnicas de colagens.
	Cultura popular	Esculturas e peças artísticas que apresentam peculiaridades regionais do município.
COMUNICAÇÃO Objetos utilizados pelos seres humanos para a comunicação sonora, visual, textual (Excluir instrumentos musicais).	Equipamento de Telecomunicação sonora/visual e textual	Objetos utilizados para emitir, registrar, armazenar e reproduzir sons relativos à comunicação humana e utilizados para comunicação a distância; sinalizadores, projetores, visores de imagens e material didático visual, alarme, alto-falante, apito, disco, globo terrestre, letreiro, microfone, placa de rua, projetor, sinalizador, sino, toca-discos, toca-fitas, máquina de escrever, antena, aparelho telegráfico, rádio, telefone, televisão, transmissor, etc.
DOCUMENTO e OBJETOS CERIMONIAIS Objetos usados em cerimônias e/ou rituais civis, homenagem, documentos textuais e cartográficos, iconográficos; livros, periódicos, álbuns, fotografias, documentos arquivísticos tratados como acervo museológico, incluindo maquetes.	Documento	Carteira de identidade, certidão, convite, diploma, documento fotográfico (fotografia) livro, mapa, maquetes e outros.
	Objeto Comemorativo	Coroa de louros, ferramenta simbólica, medalha, placa comemorativa ou decorativa, troféu, etc.
MAQUINÁRIO, UTENSÍLIOS DE TRABALHO E INSTRUMENTOS Entram nessa categoria máquinas e utensílios auxiliares cuja força de movimentação seja mecânica ou orgânica, bem como objetos utilizados pelo homem nas suas atividades de trabalho (exclui mobiliário e indumentária profissionais, máquina de escrever e moedores de café).	Equipamento de Uso Geral	Objetos de uso em diversas atividades profissionais: afiador de lâminas, chave de boca, chave de fenda, enxada, escada, martelo, serra, tesoura, pá, broca de madeira, regador, foice, caixa de acondicionamento de instrumentos musicais, etc.
	Equipamento de costurar/tear	Maquinário e utensílios utilizados para costura, seja de movimentação mecânica ou automatizada, como: máquina de costura, agulha de crochê, agulha, alfinete, arco, bola de cerzir, caixa de costura, carretel, dedal, estojo de costura, máquina de costura, pente de tear, roca, tear, etc.
	Instrumentos musicais	Instrumentos musicais que podem ser utilizados tanto para fins comerciais ou não: piano, tambor, bumbo, pandeiro, atabaque, etc.

TABELA DE CLASSIFICAÇÃO DOS OBJETOS E CATEGORIAS DE ACERVO<sup>1</sup>

CLASSE	SUBCLASSE	SUGESTÃO DE TERMO/TÍTULO
INTERIORES Objetos usados no interior de residências, com o intuito de dinamizar o conforto e cuidado, seja para fim utilitário ou decorativo.	Acessório de Iluminação	Acessório de luminária, abajur, arandela, candeia, castiçal, tocheiro, lampião, lanterna, tocha, vela, etc.
	Peça de Mobiliário	Arca, baú, armário, vitrina, cristaleira, cabide, cadeira, estante, leito, mesa, poltrona, sofá, etc.
	Utensílio e Serviço doméstico	Moedor de café ou de carne, açucareiro, fôrma de bolo, bule, cafeteira, caneca, copo, cuscuzeiro, fogão, jarro, panela, bule, ferro de passar, bacia, penicos, cuspidreira, prato, etc.
	Acessório de Interiores	Objetos com propósitos utilitários menores; objetos que não se enquadram nas outras subclasses (objetos de decoração). Bibelô, cinzeiro, adornos, vasos decorativos, etc.
OBJETOS PESSOAIS Objetos criados para servir às necessidades pessoais, indumentária, adorno, higiene ou crença.	Indumentária e Objeto de Adorno	Blusa, saia, vestido, calça, abotoadura, peruca, cinto, bengala, bolsa, carteira, guarda-chuva, óculos, lenço, leque, bolsa, crucifixo-pingente, medalha, terço, etc.
OUTROS	Outros	Objetos que não se encaixam nas categorias anteriores.

Quadro 1 – Observações a partir da função original das peças museológicas. Fonte: Catálogo do Acervo da Casa da Cultura "Doutor Mauro Mattos Pereira", do Município de Fundão.

Data de preenchimento: Quando os dados foram preenchidos.

O trabalho realizado com o acervo museológico da Casa da Cultura de Fundão torna-se um ponto inicial que pode se ramificar em um futuro trabalho sistêmico que vise a um conhecimento profundo do acervo salvaguardado. Sendo assim, ressaltamos que o trabalho previu um arrolamento quantitativo, não uma elaboração de uma ficha catalográfica individual de cada objeto.

Salientamos que muitas peças se encontram em um processo avançado de degradação, algumas já comprometidas com a presença de insetos e proliferação acentuada de microrganismos.

A partir do trabalho empreendido chegamos ao quantitativo de 115 peças de diversas tipologias, que apresentam os aspectos regionais e documentam a história do município.

#### 4 - As Fotografias

A documentação de arquivo da Casa da Cultura, em sua totalidade fotografias, transcende a perspectiva instrucional e administrativa de arquivo. Trata-se de um acervo inserido dentro do âmbito museológico e está repleto de afetividades. As fotografias mais antigas foram ao longo dos anos sendo doadas por algumas famílias da região, a fim de contribuir para ampliação do acervo, outras mais recentes, referentes às festas regionais e a eventos promovidos pela Prefeitura, a construções públicas, etc, foram registradas por servidores públicos em eventos promovidos pela Prefeitura Municipal de Fundão.

Essa característica de sua formação nem sempre surge em decorrência de atividades-fim administrativas, uma das principais características dos documentos de arquivo. O acervo de um museu pertence a tem-

pos, espaços e grupos sociais distintos, todos reunidos em um mesmo local. Para isso, Loureiro (2008) sugere:

Cumpra a essas instituições um conjunto de elaborações estratégicas de preservação não somente dos aspectos físicos dos objetos, mas também a análise apurada dos diversos conteúdos simbólicos passíveis de integrarem conjuntos narrativos significativos (2008, p. 25).

E complementa no mesmo texto:

Documentar é, sobretudo no âmbito museológico, integrar conjuntos significativos às tradições, diferenças e dispersões que caracterizam as ciências, saberes e discursos contemporâneos em benefício dos mais diferentes grupos sociais. (2008, p. 29)

Faz-se necessário apurar o olhar ao lidar com fotografia como material de pesquisa. Não devemos encará-la apenas como um registro físico de uma imagem em um papel, ou pegá-la e atribuir-lhe um simples código, ou digitalizá-la ou guardá-la em um envelope, como aponta Furtado (2017). Precisamos entender o que aquela determinada fotografia representa para aquela comunidade:

A construção dos sentidos ou discursos é uma via de mão dupla. O sentido é atribuído por quem recebe e, também, por quem produz uma informação, sendo que esses sentidos nem sempre são os mesmos. Essa percepção é advinda do fator tempo, a cada período da história um mesmo documento/imagem pode ser lido de maneira diferente. As decorrências do passado muitas vezes afetam diretamente o presente do pesquisador. [...] Outra questão é determinar como o presente enxergará um passado em questão, por isso os documentos utilizados em uma pesquisa são fruto de escolhas e possibilidades do pesquisador. (2017, p. 95).

As fotografias possuem um recorte de tempo de 1924, a mais antiga, e a mais atual de 2014, com-

pletando 90 anos de história de Fundão. Nosso primeiro contato com as fotografias, em 2018, foi com a forma como estavam alocadas, em uma caixa de papelão, sem nenhum tipo de critério de organização, acondicionamento ou preservação. Da maneira como foram encontradas, eram notórios os riscos de infestações devido à exposição à umidade, além de amasso e dobraduras no papel.

Escolhemos agrupar as fotografias da forma mais próxima como encontramos, o que chamamos de dossiês, muitas vezes dispostas em blocos, pequenos álbuns, envelopes e que muitas vezes eram uma coleção de fotografias de um mesmo evento ou possuíam algum tipo de relação com o local onde foram registradas, ou pessoas comuns. Como sugere Lacerda (2012),

Mais importante do que aplicar a crítica diplomática aos documentos fotográficos, seguindo o modelo aplicado aos documentos tradicionais da administração, seria refletir tanto sobre os padrões que são seguidos na formação de imagens como documentos, quanto sobre seus desvios e peculiaridades, definindo espaços de regularidades associados a condições de produção (2012, p. 291).

Em nossa organização mantivemos a característica primária das fotografias, os vínculos naturais ou orgânicos estabelecidos previamente, antes de nossa chegada com um olhar técnico e intervencionista naquela realidade. Mantivemos o cuidado para que não fosse perdida por completo a aura de “baú de memórias” existente neste acervo.

O intuito no desenvolvimento da estrutura de organização foi para além de propor um modelo enrijecido. Compreendemos inicialmente a história da cidade e do local onde estão armazenados os documentos, a Casa da Cultura, e suas significações enquanto local de memória (NORA, 1993) para sua comunidade ao entorno. A própria forma como os documentos foram acumulados também nos conta a história de Fundão, e é por isso que devemos preservar determinadas características em detrimento da pura formalidade.

Em mãos das fotografias dos dois acervos, o da Casa da Cultura e o do Ex-Prefeito Sebastião e da Cercina Carreta, e preservando os principais dossiês orgânicos desses conjuntos, destacamos os diversos e principais temas existentes na documentação fotográfica: Atividades culturais; Congo; Festa de São Benedito; Festa de São Sebastião; Festa da tapioca; Festa de corpus-christi; Atletas e competições; Desfile cívico; Bandas; Professores e escolas; Clube Maracaiá; Estrada de ferro Vitória x Minas; Visitas de autoridades; Praia Grande; Regiões administrativas de Fundão; Artesanatos; Teatro; Enchentes; Construções de prédios públicos; etc.

A sociedade fundãoense conhece de maneira geral, mas abstrata, o que é seu patrimônio. A população sabe onde fica a Casa da Cultura, um edifício tombado às margens da BR-101. Sua arquitetura lhe confere destaque, diferenciando-a do entorno, e lhe reconhece como “prédio antigo”, que de certa forma possui ligação com a história do município de pouco mais de 100 anos. No entanto, é necessário que haja ocasiões de aprendizagem. Neste ponto, entra a abordagem das instituições gestoras do patrimônio, como o arquivo, a biblioteca e o museu, as quais são mediadoras nas construções desses ambientes de aprendizagem e de significações para as comunidades e realidades sociais em que estão inseridas.

Em Fundão percebemos que o acervo fotográfico e museológico atravessa a existência do edifício da Casa da Cultura, não apenas como custodiador físico desse material, mas, como vemos através de Walter Benjamin (1994), há uma aura em torno do casarão tombado; de guardião de tudo aquilo que representa e poderia representar uma identidade fundãoense, o que pode ser percebido rapidamente através de qualquer conversa com um cidadão em um dia comum, desde o lavrador ao mais instruído, um lamento sobre as atuais condições de preservação do edifício.

O processo de tornar algo patrimônio começa desde a identificação desse bem material. Não se começa posteriormente ao registro, ao tombamento e às medidas de valorização desse bem, mas sim

envolvendo a comunidade através de uma ação educativa, com essa comunidade dizendo quais são suas referências de patrimônio e de bem cultural. Essa concepção de cultura parte da referência do antropólogo Clifford Geertz (1978), que afirma ser uma “teia de significados que o homem teceu”. Para isso, é necessária uma compreensão densa da realidade, e só quem está no local vai entender o que é patrimônio para si, vai se sentir pertencendo a essa realidade.

Durante a execução deste projeto nos propusemos a realizar junto à comunidade um chamamento para dentro do projeto, desde a participação de jovens estudantes como bolsistas de higienização e codificação de fotografias, até a execução de uma oficina aberta à comunidade sobre o seu patrimônio municipal, com o intuito de fazer uma formação, para que as pessoas operem com técnicas de preservação e conservação de suas memórias em casa, com suas fotografias e documentos pessoais.

Esta oficina se deu em uma carga horária de oito horas, e teve uma significativa participação de pessoas interessadas na cultura de Fundão, entre as quais jovens, estudantes de nível superior, servidores públicos da Secretaria de Esporte, Turismo e Cultura do município, pessoas ligadas aos movimentos sociais e agentes culturais do Congo, atividade cultural muito forte em Fundão. Além da etapa teórica, com roda de conversa abordando conceitos, a história e características sociais de Fundão, houve uma parte prática, com o manuseio de instrumentos arquivísticos, por meio do qual os participantes puderam ter acesso e contato direto com o acervo fotográfico do município. Este momento foi marcado por entusiasmo por parte da população, que permitia reconhecer a autoestima de cada um ali expressa através da alegria, emoção e até mesmo no reconhecimento de amigos, vizinhos e familiares em algumas fotografias.

No momento em que dispusemos as fotografias em círculo para os participantes, as formações de dossiês, que norteiam este inventário, foram naturais e automáticas. Os próprios participantes formaram vínculos entre as fotografias, dispondo-as

em conjuntos, associando locais, eventos e pessoas. Neste momento foi possível coletar as informações dos fundãoenses ali representados em relação aos assuntos, às temáticas, aos acontecimentos em que se viam mais representados. A importância da oficina, mais do que para os participantes que tiveram a oportunidade de conhecer um pouco de técnicas de arquivo, foram para nós, técnicos, ali que direcionavam o momento, de identificar os saberes populares e sua expressão em formato de memória coletiva para a comunidade. Observou-se uma verdadeira experiência de troca de saberes, da qual a educação emancipadora tanto necessita.

Do ponto de vista teórico da arquivística, utilizamos deste momento para explorar além das barreiras da diplomática<sup>4</sup>. Como coloca Schawartz (1995), há uma articulação do conteúdo e do aspecto interno da fotografia, no caso, dos elementos visuais da imagem e do aspecto externo, que determina as motivações e necessidades da realização daquele registro. Compreender essa articulação é fundamental para demarcar a função e a ação de cada fotografia dentro e fora de seus respectivos contextos. Nossa preocupação principal dentro do espaço coletivo da oficina era que houvesse uma demarcação mínima através do olhar entre as diferenças técnicas de uma fotografia para a outra, visto que não possuímos um registro dos fotógrafos dessas imagens.

A partir dessa questão conseguimos compreender pelo menos três principais diferenças entre as fotografias existentes. Num primeiro grupo, aquelas fotografias que nasciam com um aspecto técnico-administrativo, ou derivado de uma obra, construção, ou de alguma questão que necessitasse um olhar específico para determinado ângulo, como se fosse integrar um laudo, relatório ou registro do uso do dinheiro público. Num segundo tipo, havia contextos mais culturais e espontâneos de registro de uma

feita ou evento, como no caso o Congo, forte manifestação cultural do município, que possuía como destaque as cores, movimentos, ritmos e a presença da população naquele momento. Nas fotografias do terceiro tipo, percebia-se como única característica a fruição artística, de exaltar a beleza e as sensações através dos ângulos escolhidos.

A partir desse estudo, conseguimos determinar sete grandes grupos de assuntos, que chamaremos de SÉRIES, nas quais posteriormente ficam alocados os DOSSIÊS com as fotografias. As séries ficaram dispostas da seguinte forma:

A partir do trabalho de uma equipe multidisciplinar, cada dossiê passou por quatro etapas de tratamento de organização até chegar em sua condição final, de disponibilização para o acesso ao público e a pesquisadores e em formato de publicação. Abaixo estão elencadas as fases de procedimento:

#### a) Descrição

A descrição em acervos é uma atividade intelectual (de leitura, reflexão e escrita) que está dependente da elaboração de instrumentos de pesquisa (catálogos, guias, inventários, sumários, etc.), tendo o objetivo de orientar a consulta e determinar com exatidão quais são os documentos ou objetos e onde estão dispostos. Além da função de orientar um pesquisador ou usuário, a descrição cumpre o papel de salvaguarda de um determinado material histórico, ou seja, uma garantia de existência e necessidade de manutenção do conjunto de materiais perante a sociedade, autoridades e instituições.

Em todo o nosso trabalho utilizamos as normativas apontadas na Norma Brasileira de Descrição Arquivística<sup>5</sup> (NOBRADE), proposta pelo Conselho

5 A NOBRADE foi publicada em 2006 e fornece diretrizes para a descrição arquivística no Brasil, compatíveis tanto com a ISAD(G), quanto com a ISAAR(CPF) (recomendações internacionais para arquivos), no intuito de facilitar o acesso e o intercâmbio de informações em âmbito nacional e internacional, tendo como pressuposto básicos o respeito aos fundos e à descrição multinível (CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS, 2006, p. 10). BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

4 Segundo o Dicionário brasileiro de terminologia arquivística (2005, p. 70.). Diplomática é a disciplina que tem como objeto o estudo da estrutura formal e da autenticidade dos documentos.

SÉRIE	NOME	QUANTIDADE DE DOSSIÊS	QUANTIDADE TOTAL DE FOTOGRAFIAS
01	Inaugurações, construções e manutenções	76	395
02	Festividades, eventos e encontros	100	646
03	Natureza, paisagens e monumentos	30	114
04	Movimentos e ações sociais	31	175
05	Sociedade Pestalozzi de Fundão	18	195
06	Casa da Cultura de Fundão	25	110
07	Congo de Fundão	28	287
Total:		285	1.922

Tabela 1 – Distribuição de séries e dossiês a partir dos documentos de arquivo. Fonte: Catálogo do Acervo da Casa da cultura "Doutor Mauro Mattos Pereira", do Município de Fundão.

Nacional de Arquivos (CONARQ), criado com a Lei Federal nº 8.159 de 1991, como uma referência ideal e principal norteadora para a classificação de um arquivo com material histórico.

Desenvolvemos fichas catalográficas utilizando o recurso digital de planilhas no Microsoft Excel, em cujas colunas são indicados os elementos de descrição e nas linhas os dados referentes a cada dossiê fotográfico. A partir dessas planilhas, o conteúdo pode ser disponibilizado via internet ou plataformas, impresso para consulta local e na Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo e também foi utilizado para a produção do inventário em forma de publicação. Os campos que adotamos como elementos em formato de linhas, no qual cada dossiê teve suas informações registradas, foram: Informações Principais: código; nome do dossiê; local de registro; data de registro; Informações Técnicas: quantidade de fotografias; suporte/formato da fotografia; cor; dimensões; Outras Informações: estado de conservação; demais observações relevantes.

Os dossiês do Fundo da Casa da Cultura de Fundão e do Fundo de Sebastião e Cercina Carreta recebem codificações distintas por se tratarem de Fundos distintos (proveniências diferentes). Os códigos são atribuídos através de números de maneira crescente, cada acervo com a sua sequência independente.

#### b) Higienização

Realizamos a retirada da sujidade, agente de deterioração que mais afeta os documentos. Os procedimen-

tos foram adotados da seguinte forma: a) o documento foi posto sobre uma mesa forrada com papel mata borrão neutro; b) para o tratamento direto sobre o papel, foi utilizado um pincel suave próprio para este fim, trincha, pó de borracha e algodão; c) em casos de fotografias que possuíam cliques, grampos, dentre outros materiais de metal, estes foram extraídos.

#### c) Digitalização

A digitalização das fotografias visou contribuir para o amplo acesso pela sociedade através de plataformas digitais, desde a consulta in loco, com o auxílio do computador, até uma possível disponibilização nas redes e internet. Todo o processo de digitalização obedeceu às normativas da Resolução Nº 31 do Conselho Nacional de Arquivos, cujo objetivo é garantir procedimento e qualidade para a difusão, segurança e preservação e intercâmbio com outros acervos.

#### d) Acondicionamento

Uma vez realizada a etapa de higienização e digitalização, para sua conservação adequada, acondicionamos em embalagens recomendadas para fotografias, os materiais utilizados na sua fabricação, que estão em contato direto, necessitam ter PH próximo a 7, adotamos o uso de envelopes brancos para cada dossiê, posteriormente alocados dentro de envelopes maiores, com PH neutro, em grupos, atentando-nos para os conjuntos definidos na estrutura de organização das séries. Cada envelope maior recebeu uma pequena inscrição com lápis macio, possibilitando

sua identificação externa. Por último, o material foi alocado em caixas de arquivo tradicionais, feitas de poliéster e em um armário de gavetas de aço inoxidável doado pelo projeto à Casa da Cultura de Fundão.

Nosso principal objetivo aqui é garantir a salvaguarda do principal acervo histórico da cidade de Fundão, tanto o fotográfico como o museológico, efetivando a conservação destes acervos a fim de melhorar seu estado físico e de seu suporte e prolongar sua permanência e vida útil, viabilizando assim o acesso a futuras gerações. O segundo objetivo é contribuir para a difusão destes bens culturais que atribuirá todo sentido à conservação realizada e à existência da instituição mantenedora.

#### Ficha técnica do arquivo

**Nome:** Arquivo Fotográfico da Casa de Cultura de Fundão

**Localização Física:** Cidade de Fundão – Espírito Santo

**Localização da Matriz Digital:** Secretaria de Cultura do Estado Espírito Santo  
**Sigla:** AFCCF

**Período de Organização e Descrição:** 11 de Janeiro de 2019 a 20 de Julho de 2019.

**Período de Digitalização e Acondicionamento:** 05 a 30 de Agosto de 2019.

**Período de Revisão:** 03 de setembro de 2017 a 15 de outubro de 2019.

**Data Limite coberta pelo arquivo:** 1924 – 2014

**Espécie e quantidade total dos documentos:** Iconográfico: 1.922

Fundo Casa da Cultura: 830 fotografias.

Fundo Sebastião e Cércina Carreta: 1.092 fotografias.

#### Legislações Incidentes:

**Legislação Municipal:** Lei Nº 1.033, de 10 de dezembro de 2015 de Fundão – Plano Diretor Municipal – Art. 215. Tombamento de edificações, obras e monumentos.

**Legislação Estadual:** Resolução nº 3/1985 do Conselho Estadual de Cultura Inscricão no Livro

do Tombo Histórico, sob o nº 82, às folhas 9v e 10 e no Livro do Tombo das Belas Artes, sob o nº 3, às folhas 1v e 2. Tombamento do edifício da Casa da Cultura (Incidente sobre o acervo).

**Legislação Federal:** Lei Federal nº 8.159/1991

- Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências.

**Condições de Acesso:** Irrestrito.

**Condições de Reprodução:** Com autorização da Casa da Cultura de Fundão.

## 5 - Considerações Finais

Dos gabinetes de curiosidades, aos museus modernos, as instituições museais configuram-se como templos ligados à memória e preservação do conhecimento. Nesse sentido, podemos compreender que o museu é um espaço de valorização da cultura, de preservação da memória social e de produção de conhecimentos. Por intermédio de seus acervos, a instituição funciona como um portal que nos possibilita viajar pelo tempo e ressignificar nosso olhar.

Por meio das ações realizadas nos acervos trabalhados e do museu da Casa da Cultura, reforçamos o diálogo e as intercessões entre as bases tangenciais dos campos acadêmicos referenciais da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. Com o compartilhamento dessa experiência, percebemos, com nossas interferências específicas, as potencialidades de cada área, na construção e no fortalecimento de espaços de promoção da identidade e da cultura.

Um dos momentos em que notamos isso foi ao lidarmos com as diversas fotografias dos prefeitos expostas nas paredes da Casa da Cultura, documentos que nasciam arquivisticamente de forma orgânica e institucional dentro do âmbito da Prefeitura Municipal, decorrentes de uma atividade-fim de publicizar o mandatário eleito pela cidade em um determinado período. Ao serem musealizadas, as fotografias são revestidas de novos significados, assumindo sua dimensão de museália, contribuindo assim para

preservação de memórias e influenciando na construção de identidades. Através dessa ressignificação fomentamos a inteligibilidade de bens históricos e possibilitamos o trabalho de diversos pesquisadores que pautam seus estudos em coleções museológicas salvaguardadas em instituições e em documentos históricos acondicionados em arquivos e bibliotecas.

E, por fim, através da rica interdisciplinaridade, o projeto promoveu a reflexão sobre a preservação do patrimônio histórico material e imaterial na cidade, contribuindo na produção de conhecimentos históricos e no despertar de lembranças adormecidas; atraiu mais pesquisas, até o momento, entre os amantes da história bem entre pesquisadores e profissionais da informação. Esperamos ainda que o trabalho de organização e o acervo possam ser objeto de trabalho de estudantes e professores das redes municipal e estadual de ensino do município; e que ainda possa haver o intercâmbio com outras instituições de arquivo, memória e museus que futuramente possam integrar futuros bancos de dados em nível estadual e nacional. Além disso, que essa iniciativa potencialize o turismo histórico na cidade de Fundão e no estado do Espírito Santo.

#### Referências

- BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 271 p. (Obras escolhidas [de] Walter Benjamin; v. 1)
- CARVALHO, Luciana Menezes. Waldisa Rússio e Tereza Scheiner: dois caminhos, um único objetivo: discutir museu e Museologia. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio*. Rio de Janeiro, n. 2, v. 4, p. 147-158, 2011. Disponível em < <https://docplayer.com.br/24174857-Waldisa-russio-e-tereza-scheiner-dois-caminhos-um-unico-objetivo-discutir-museu-e-museologia.html>>. Acesso em: 31 de ago de 2019.
- CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS. *Recomendações para digitalização de documentos arquivísticos permanentes*. Rio de Janeiro: 2010.
- BRASIL, Arquivo Nacional. *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- ESPÍRITO SANTO (Estado). Secretaria de Estado da Cultura. Conselho Estadual de Cultura. *Arquitetura: Patrimônio Cultural do Espírito Santo*. Vitória: Secult, 2009.
- FERREZ, Helena Dodd.; BIANCHINI, Maria Helena. *Thesaurus para acervos museológicos*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 1987.

FURTADO, Marcello França. *Nas ruas, nas praças: as imagens do Movimento Estudantil Capixaba na Ditadura Militar (1964-1985)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, 2017.

CEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

COBBI, Gabriela de Oliveira; FURTADO, Marcello França. *Catálogo do acervo da Casa da Cultura "Doutor Mauro Mattos Pereira" do município de Fundão*. Vitória: Maré, 2019.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. A interdisciplinaridade em Museologia (1981). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. v.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010a.

LACERDA, Aline Lopes de. A fotografia nos arquivos: produção e sentido de documentos visuais. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 283-302, Mar. 2012.

LOUREIRO, José Maria Matheus. *Documentação em Museus*. Rio de Janeiro: MAST, 2008.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. São Paulo: PUC-SP, 1993.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: *ENCICLOPÉDIA Einaudi: memória história*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984. v. 1. p. 51-86.

SCHEINER, Tereza Cristina. Museu, museologia e a 'relação específica: considerações sobre os fundamentos teóricos do campo museal. *Revista Ciência da Informação*. Brasília, DF, v. 42, n. 3, p. 358-378, 2013.

SCHEINER, Tereza Cristina. Museologia e Patrimônio Intangível: a experiência virtual. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO INTANGÍVEL. *Icofom Lam*, Montevidéu, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, 2001. p. 214-224.

SCHWARTZ, Joan M. We make our tools and our tools make us: lessons from photographs for the practice, politics and poetics of Diplomats. *Archivaria*, Ottawa, n.40, p.40-74. 1995.

#### (Footnotes)

1 Baseada em: FERREZ, H. D.; BIANCHINI, M. H. S. Thesaurus para acervos museológicos. Rio de Janeiro: *Ministério da Cultura, 1987*. 2v. *Declaração de Princípios de Documentação em Museus e Diretrizes Internacionais de Informação sobre Objetos de museus: Categorias de informação do Comitê Internacional de Documentação (CIDOC – ICOM)*. In: Coleção Gestão e Documentação de Acervos: texto de referência, São Paulo Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo, Associação de Amigos do Museu do Café, Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2014.;

CADERNO de diretrizes museológicas 1. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. 2ª Edição.

Recebido em: 31/07/2020

Aprovado em: 26/08/2020